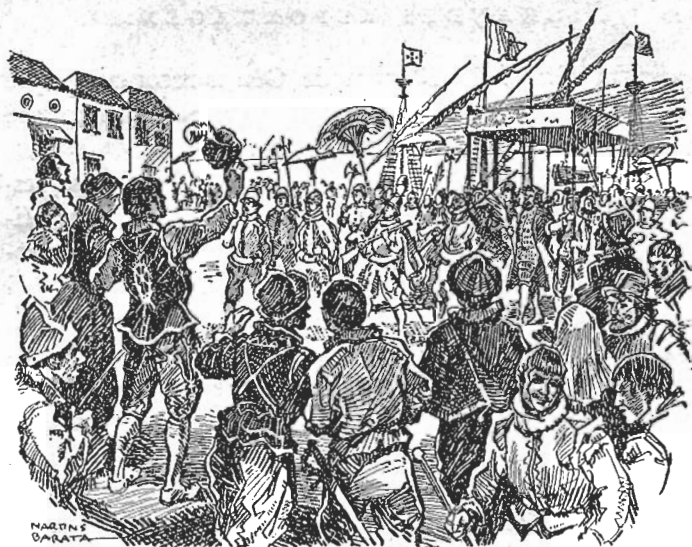


DEPOIS DO 2.º  
CÊRCCO DE DIU



*Goá, 23 de Abril de 1547.*

Pode dizer-se que desde 16 de Novembro do ano passado — dia em que aqui chegou o catur com a nova do feito de Diu, tão grande que parece milagre,—Goá vive em contínua festa.

Logo que foi conhecida a vitória dos nossos sôbre os moiros, houve enorme alvoroço em tôda a cidade; pela noite adiante repicaram os sinos das igrejas. Ao outro dia, fêz-se procissão solene com todo o povo, que foi dar louvores a Nossa Senhora da Serra. Três dias depois, chegava a fusta com D. Alvaro — filho do Governador, que, por estar muito doente, não pudera tomar parte na batalha — e o boticário Simão Álvaro, a quem D. João de Castro confiara a bandeira do Rei de Cambaia, tomada no arraial, e bem assim

a carta dirigida à Câmara de Gôa a recontar o que fôra a valorosa acção dos portugueses em Diu até libertarem a fortaleza e a cidade.

Conforme o Governador ordenara, fizeram-se festas para recebimento daquela bandeira. Foram os officiais da Câmara, o Bispo e o colégio da Sé, em procissão solene, ao cais, receber a bandeira de El-Rei de Cambaia, que o boticário levou pelas ruas fora, baixa, adiante da bandeira da cidade. Dirigiu-se o cortejo a Nossa Senhora da Luz, onde houve missa e pregação em louvor da vitória, e se deram graças a Nosso Senhor. Seguiram depois a procissão para a Sé e a bandeira para a Câmara. Foi isto em sexta-feira. Até quarta-feira seguinte, ninguém trabalhou na cidade, sempre fazendo festa, e, neste dia, que era de Santa Catarina, houve toiros e canas.

\*

No dia 20 de Dezembro, deu-se aqui um acontecimento que, se não se pode considerar festa, interessou, pelo pitoresco, tôda a cidade. Foi o caso de ser justificada de forma nova uma mulher da terra que mandara matar o marido.

Era cristã e casada com um português mas, por reinar nela o pecado, tinha amores com um canarim que servia em sua casa. Para se desembaraçar do marido, induziu-o a ir ao mato cortar lenha e levar o gentio na sua companhia. Ia êste industriado no que havia de praticar, com ordem de trazer certo sinal para ela crer que o marido era morto. Fêz o canarim o combinado: quando o homem jazia dormindo, deu-lhe com um machado na cabeça e outros golpes pelo

corpo que o mataram. Depois, despiu-o, queimou-lhe todo o vestido, menos a camisa ensangüentada, que trouxe por sinal à mulher, com que ela fêz muito prazer.

Lavou a adúltera o gentio, perfumou-o e cearam ambos com grande contentamento. Em seguida, deu-lhe os vestidos bons que tinha do marido e mandou-o fazer-se cristão para estar com êle mais à sua vontade. Descobriu-se o delito porque os vizinhos, achando menos o marido e vendo o canarim com seus vestidos, loução e galante, interrogaram as negras da casa, que tudo contaram.

Preso a mulher, confessou a proeza, declarando que mandara matar o marido «por folgar seu coração». Julgada pela Relação, foi levada ao cais da cidade e aí metida numa pipa juntamente com um cão, um gato, um galo, um bugio e uma cobra. Na pipa fizeram somente uns buracos de verruma para que resfolgasse, e puseram-na na praia vasando a maré. A mulher dava grandes brados dizendo que a cobra a picava, o bugio a mordia e todos os outros animais faziam peleja. Com a maré, foi a pipa pela barra fora, que não mais apareceu. E quando a puseram no mar, deram um pregão que dizia:

*Justiça que El-Rei Nosso Senhor manda fazer, que esta mulher morra morte natural entre brutos animais, por matar seu marido, e adulterar com gentio fora da nossa santa fé, e seu delito confessar à justiça denodadamente, e sem temor nem acatamento.*

\*

Poucos dias passados, chegou a esta cidade Diogo Rodrigues de Azevedo, honrado cavaleiro, vindo de

Diu, com carta do Governador contando a necessidade em que estava de dinheiro para refazer os muros da fortaleza, tanto mais que parecia que o Rei de Cambaia queria desferrar-se. Pedia à cidade que lhe emprestasse vinte mil pardaos, os quais prometia pagar antes de um ano. Não podendo empenhar os ossos de seu filho D. Fernando, morto em combate, por não estarem ainda descarnados, mandava as suas próprias barbas como penhor do empréstimo que pretendia.

Juntou-se logo a Câmara, que ficou muito espantada de ver as barbas do Governador e suas piedosas palavras e, com muita diligência entre os que a compõem e os moradores, reuniu vinte mil cento e cinqüenta e seis pardaos e uma tanga, que lhe mandou com seu penhor e carta de grandes cumprimentos, dizendo que a cidade se tinha por agravada de Sua Senhoria ter tão pouca confiança em sua lealdade, pois para coisa que tanto cumpria ao serviço de El-Rei não eram necessários tão honrados e ilustres penhores.

Voltou Diogo Rodrigues com o recado e o dinheiro, mas ao tempo de chegar a Diu já D. João de Castro tinha recebido cinqüenta mil xarafins em oiro que António Moniz apreendera ao inimigo, pelo que logo tornou a mandar Diogo Rodrigues a Gôa, com o dinheiro que levara, o qual foi restituído a seus donos.

Entretanto, regressavam a esta cidade os que tinham ido combater no cêrco de Diu, o que tudo era motivo de alegria e folguedo. Só o Governador não vinha, por não achar quem quisesse a capitania da fortaleza. Recusou-a D. Manuel de Lima e recusou-a Manuel de Sousa de Sepúlveda, pelo que ficou na capitania, por mais um ano, D. João Mascarenhas,

com muitos mantimentos e oitocentos homens, além dos moradores, todos bem pagos e providos de muita abastança. E sendo assim tôda a gente agasalhada e muito satisfeita, se partiu o Governador em demanda desta cidade que lhe fêz o recebimento pela seguinte maneira:

\*

Chegou a armada das fustas em frente de Gôa, no dia 19 do corrente mês de Abril, que foi uma terça-feira. Aposentou-se D. João de Castro em Pangim, enquanto a cidade se apercebia para seu recebimento. Na quinta-feira se fêz a procissão do Corpo de Deus, que aqui se realiza mais cedo, porque no próprio dia em que se faz em Lisboa é cá inverno e há muitas chuvas. Finalmente, na sexta-feira, 22, partiu o Governador de Pangim com tôda a fustalha, mui loução de bandeiras, toldos, estandartes e muitos ramos, acompanhado de tôda a gente que com êle viera de Diu e que para isso fôra a Pangim, a qual vinha com suas armas, espingardaria, pífaros e tambores, e os capitães com seus guiões, trombetas, atabales e charamelas.

Ao passo que o cortejo caminhava pelo rio, atirava a artilharia das fustas, ao que respondiam as quintãs que estavam pela borda do rio e noutros lugares, com bandeiras, toldos e muita gente.

Desembarcou o Governador no cais da Porta de Santa Catarina, que estava adornado com muitas árvores e estandartes, assim como os muros da cidade ao longo do cais, que se apresentavam paramentados com panos de muitas côres. Formou-se a procissão, com a gente ordenada em duas alas, e assim seguiu até onde

estavam os oficiais da cidade; aí foi o Governador recebido sob o pátio, depois do que atravessou a muralha adornada com dois leões grandes que tinham nos peitos escudos das armas de D. João e por baixo um letreiro em que estava escrito: *Bem-aventurado e imortal triunfo, pela lei, por El-Rei e pela grei.*

Vinha o Governador vestido com uma roupeta francesa de setim carmezim, forrada de tafetá encarnado e guarnecida de passamanes de oiro, e trazia na cabeça uma gorra de veludo preto, sôbre a qual Tristão de Paiva colocou uma capela de palma verde, ao mesmo tempo que lhe pôs uma palma na mão para que assim laureado bem mostrasse ser vencedor de tamanho feito. Por ordem do mesmo Governador, todos quantos com êle vinham levaram capelas de rama miuda na cabeça.

Abriam o cortejo folias, pélas, figuras de gigantes, danças de amazonas e vilãos, momos, diabretes e outras coisas de folgar. Seguiam-se os bombardeiros, com seus bota-fogos, a gente do mar, com lanças e rodelas e vinte tiros de metal encarretados e carretas com pólvora, pelouros, panelas, entre duas alas de gente com muita espingardia que ia disparando e com seus pífaros, tambores, guiões, trombetas e charame-las, o que tudo produzia surpreendente efeito. Vinham depois dois carros com almadias, vaivens, tavolado e mais apetrechos do arraial, e outros dois transportando, penduradas, armas de tôdas as sortes apreendidas também no arraial, armaduras, arcos, frechas, lanças e bombas de fogo. A seguir, desfilavam mais de seiscentos cativos, com as mãos atadas detrás e todos metidos em correntes que levavam arrastando; quatro bandeiras de sêda tomadas no combate, rojando pelo



chão e atrás delas a bandeira do Rei de Cambaia, também de rastos. Depois, o secretário e o ouvidor geral que levavam em meio o Juzarcão, feito prisioneiro no arraial, vestido com uma cabaia de veludo pardo e sua touca, homem mancebo que em sua tristeza bem mostrava ser cativo. Finalmente, um homem com uma bacia de prata de mãos e dentro dela uma peça de brocado feita em três pedaços para o Governador ofertar; o guião do Governador, de damasco branco, quadrado, com a Cruz de Cristo de setim carmezim; a bandeira da cidade; Duarte Barbudo, alferes, com a bandeira real que foi na batalha; o padre comissário de S. Francisco, com a cruz alçada tal como entrou também na batalha, e, a fechar a procissão, o pália, de tela de oiro, com seis varas a que pegavam os vereadores, e sob o qual ia o Governador, como atrás se descreveu.

\*

Com o cortejo pôsto nesta ordem, foi o Governador atravessando a cidade, cujas ruas estavam junçadas e enramadas e as janelas paramentadas, cheias de **mulheres** formosas, e nos lugares em que havia jeito **para isso** estavam feitos muitos cadafalsos, paramentados de panos de sêda, em que faziam jogos e muitas invenções as gentes da terra, cada um segundo o seu ofício. Pela rua direita, que estava tôda enfeitada de veludos, sêdas e brocados, coisa rica de se ver, lançavam das janelas flores, águas cheirosas e perfumes, e das portas lhe dirigiam palavras de muitas honras, com grande aprazimento de todo o povo.

Ao passar diante da porta do hospital, em que



se via pintada Nossa Senhora da Misericórdia, ajoelhou-se o Governador e fez oração. Chegado à Casa da Misericórdia, deixou o pálio, entrou na igreja, orou e ofereceu um pedaço de brocado, e outro tanto fez em Nossa Senhora da Serra, onde deitou água benta sôbre Afonso de Albuquerque.

Chegado ao terreiro de suas casas, onde havia um bosque de muito arvoredado com muitas alimárias e aves e uma tenda armada, saiu-lhe ao encontro um anão que pediu licença ao Governador para dois cavaleiros em sua presença travarem batalha que tinham aprazada. Outorgada a licença, saíram da tenda dois cavaleiros armados de armas brancas que, com alabardas, houveram sua batalha até as quebrarem; depois vieram às espadas e rodelas, até que da tenda saiu uma formosa donzela que se meteu entre êles e os separou.

Dali seguiu o Governador para a Sé, onde o Bispo, revestido de pontifical, lhe deitou a bênção. Foi ainda a S. Francisco, mas com pouca gente, após o que se recolheu a jantar. À tarde, houve montaria no bosque onde se soltaram muitos porcos, veados, raposas e adibes, com o que D. João teve grande prazer.

Hoje foi Sua Senhoria ouvir missa e da igreja se dirigiu à porta do Tronco, onde fez audiência aos presos e perdoou muitos dêles.

Amanhã haverá canas no terreiro, às quais consta que assistirão o Juzarcão, o Meale e seus filhos; ao que se seguirão outras festas e folganças em honra de tão grande feito que os portugueses cometeram nestas partes da Índia.